



## Um percurso histórico pelo *locus horrendus*

Gabriel Furine Contatori<sup>1</sup>

Resenha de:

FELIPE, Cleber Vinícius do Amaral. *Locus horrendus: representações letradas do extremo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2021.

Na *Poética*, Aristóteles afirma que duas causas deram origem à poesia: o imitar é congênito ao homem e o homem se compraz no imitado. No tocante ao segundo aspecto, o filósofo esclarece que, se determinadas coisas presentes na *physis*, como, por exemplo, cadáveres e animais ferozes, geram, ao serem contempladas pelos homens, repugnância, ao serem visualizadas numa imitação propiciam prazer (ARISTÓTELES, 1984, p. 243). Embora as colocações de Aristóteles não se refiram à tópica do *locus horrendus* ou *horribilis* (lugar horrendo/horrível), é possível notar que as coisas que causam repugnância ou horror nos homens, ao serem contrafeitas pela imitação poética, suscitam o deleite.

Ainda que reconhecida a relevância da imitação de coisas horrendas, o *tópos* do *locus horrendus* – que, vale lembrar, consolida-se a partir de meados do século XVIII – parece não ter ganhado grande atenção da crítica que, sobremaneira, debruça-se em torno da tópica oposta à do lugar horrendo, isto é, o *locus amoenus* (lugar ameno). A esse respeito, veja-se, por exemplo, a seção que Ernst R. Curtius dedica à tópica em sua obra *Literatura Europeia e Idade Média Latina*.

É diante desse cenário que se levanta o livro *Locus Horrendus: representações letradas do extremo*, de Cleber Vinícius do Amaral Felipe. Nessa obra, Felipe analisa as apropriações que o *locus horrendus* recebeu em textos históricos e literários de temporalidades e autorias distintas. O autor, de maneira precisa, estuda o emprego da

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras (área de Estudos Literários) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor de língua portuguesa na rede pública estadual de São Paulo. E-mail: furine.contatori@unifesp.br

tópica do lugar horrendo nos registros setecentistas sobre o terremoto de Lisboa (1755); no mar tenebroso e no “deserto” polar de Edgar Allan Poe; na catábase de Edmund Dantès n’*O Conde de Monte Cristo* (1844-1846), de Alexandre Dumas; no dilúvio em *O Guarani* (1857), de José de Alencar; e nas experiências vividas no campo de concentração nazista em *Isto é um homem?* (1947), de Primo Levi.

Essa diversidade de objetos de análise, unidos em torno do emprego do *locus horrendus*, é extremamente positiva. Lainister de Oliveira Esteves destaca, precisamente, essa questão no prefácio ao livro de Felipe:

Ao recuperar o expediente retórico do *locus horrendus*, Cleber Vinícius do Amaral Felipe sugere um encadeamento histórico da literatura baseado nos diferentes usos de tópicos longevas. O autor investiga como formulações presentes em textos tão distintos quanto a *Ilíada*, de Homero, e *É isto um homem?*, de Primo Levi, apontam para a circulação de lugares-comuns historicamente ressignificados. Os indícios, portanto, não levam a um inventário das semelhanças, mas permitem identificar as diferenças de legibilidade que dão sentido aos objetos culturais analisados. [...] Ainda que a dicotomia entre tradição e modernidade, recorrentemente mobilizada para definir parâmetros poéticos, possa ser reconfigurada na oposição do regime retórico à estética literária, as análises sugerem que o surgimento da literatura no século XVIII não significou necessariamente a recusa das convenções (ESTEVEES, 2021, p. 9-10).

Nesse sentido, a investigação sobre o *locus horrendus* que Cleber Felipe leva a cabo ao longo dos seis ensaios presentes em seu livro põe em xeque a própria ideia de tempo linear e progressivo defendida pela história literária. Para o logro desse objetivo, o autor, na linha dos estudos de João Adolfo Hansen, procurar ler seus objetos historicamente, ou seja, ainda que o fio condutor de todas as suas análises seja o estudo do lugar horrendo, Felipe, ao situar cada um de seus objetos em seu momento de produção e recepção, evidencia que o emprego da tópica do *locus horrendus* adequa-se às convenções presentes no tempo em que é utilizada. Isso justifica, como evidenciam as análises do autor, o interesse, sobretudo por conta dos textos de Edmund Burle e

Immanuel Kant, de Poe e Alencar com o efeito do sublime por meio da construção de lugares horrendos, – interesse este ausente nas representações do terremoto de Lisboa por Bento Morganti e Miguel Tibério Pedegache, por exemplo.

As análises de Cleber Felipe mostram, de um lado, a permanência de uma tópica antiga em escritos de distintas épocas; de outro, a ressignificação que essa tópica recebe em cada uma das épocas em que é empregada. Em suma, o autor evidencia, em sua obra, a presença de diferentes temporalidades em determinada temporalidade, ou, como diz Koselleck (2014, p. 9), que o tempo, como a rocha, é formado de “estratos”:

Os ‘estratos do tempo’ [...] remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente. Graças aos ‘estratos do tempo’ podemos reunir em um mesmo conceito a contemporaneidade do não contemporâneo, um dos fenômenos históricos mais reveladores. Muitas coisas acontecem ao mesmo tempo, emergindo, em diacronia ou em sincronia, de contextos completamente heterogêneos.

Por essa razão, Felipe consegue pôr em diálogo a tópica do lamento em Poe com as obras de Homero e Virgílio; a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, com o *Conde de Monte Cristo*, de Dumas; as metáforas topográficas empregadas pelos setecentistas para retratar o terremoto de Lisboa com as obras de Ovídio e Virgílio. Portanto, a investigação de Cleber Felipe sobre o lugar horrendo mostra 1º) a complexidade da ideia de tempo linear e progressivo; 2º) que os autores, situados em diferentes pontos do tempo, escolhem suas amizades e inimizades “literárias”; e 3º) a simultaneidade de várias concepções artísticas em um mesmo tempo (cf. HANSEN, 2017, p. 145).

A palavra “horror” advém da medicina e indica uma reação corpórea à febre e à má circulação sanguínea, como registra o *Vocabulario Portuguez & Latino* (1728), de Raphael Bluteau: “HORROR. (Termo de Médico.) Symptoma das febres intermitentes que faz tremer todo o corpo. He aquelle frio que apanha o corpo do animal, quando se perturba a circulação, & fermentação do sangue (...)” (BLUTEAU, 1728, v. 4, p. 62). Essas são as possíveis reações suscitadas no leitor que se depara com os lugares horrendos analisados por Felipe, como o *mare tenebrarum*, em Poe; o cárcere de Edmund Dantès no Castelo de If; o dilúvio n’*O Guarani*; ou os campos de extermínio nazista, em Primo

Levi. Porém, por serem imitações, essas representações horrendas deleitam os leitores que, se estivessem, de fato, em alguns desses locais não se comprazeriam.

Diante de tamanha erudição e capacidade analítica, o livro de Cleber Vinícius do Amaral Felipe gera, no leitor, admiração. A leitura da obra, assim, é indispensável não somente para aqueles que desejam se aprofundar no *tópos* do *locus horribilis*, mas também para todos aqueles que se debruçam sobre os objetos literários e históricos, pois, a partir do estudo de Felipe, esses pesquisadores poderão encontrar um frutífero caminho metodológico e analítico a adotar em seus estudos.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, comentários, índices analítico e onomástico: Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1984a.
- BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino*. Coiembra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1728. 8v.
- ESTEVES, L. de O. Apresentação. In: *Locus horrendus: representações letradas do extremo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2021. p. 9-13.
- HANSEN, João Adolfo. Por que ensinar literatura. In: CECHINEL, A.; SALES, C. de (Org.). *O que significa ensinar literatura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017. p. 141-167.
- KOSELLECK, R. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-Rio, 2014.